

# RUA DA ALFÂNDEGA, 123: UM ESQUECIDO ENDEREÇO DOMICILIAR DE MACHADO DE ASSIS?

## MARCELO PACHECO SOARES

Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** Muitos endereços em que viveu Machado de Assis são conhecidos por seus biógrafos, mas parece provável que outros estejam ainda incógnitos. A partir da descoberta de antigo registro, apura-se se o escritor teria habitado em 1867 na rua da Alfândega, 123. Na falta de mais evidências diretas, buscam-se informações paralelas que pudessem desmentir o dado, mas sem resultado que o desabonasse. Procede-se a uma investigação sobre o imóvel, para compreender sua planta e verificar se o prédio ainda existe no Rio de Janeiro atual. Por fim, o logradouro é relacionado a uma passagem da obra machadiana.

**Palavras-chave:** Machado de Assis; Endereços residenciais; Geografia urbana do Rio de Janeiro no século XIX; Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

## ALFÂNDEGA STREET, 123: A FORGOTTEN HOME ADDRESS OF MACHADO DE ASSIS?

**Abstract:** Many addresses where Machado de Assis lived are known to his biographers, but it seems likely that others are still unknown. From the discovery of a record in a newspaper at the time, this research seeks to ascertain whether the writer would have inhabited Alfândega Street, 123 in 1867. In the absence of other direct evidence, parallel information is sought that could disprove the data, without result that disappointed it. In addition to that, an investigation is carried out on the property, in order to understand its plan and to check if the building still exists in Rio de Janeiro today. Finally, this space is related to a passage from Machado's work.

**Keywords:** Machado de Assis; Home addresses; Urban geography of Rio de Janeiro in the 19th century; Periodicals room of the Biblioteca Nacional.

*Perdoa estas minúcias. A ação podia ir sem elas, mas eu quero que saibas que casa era, e que rua...*

Machado de Assis, *Esaú e Jacó*

Desde que, em julho de 2012, a Fundação Biblioteca Nacional, localizada na cidade do Rio de Janeiro, disponibilizou virtualmente o acervo de jornais e outras publicações em série, rico sobretudo no que se refere à cidade em que mantém sede, pesquisas foram dinamizadas, em função da facilidade do acesso a essa sua hemeroteca. Com isso, preciosidades guardadas pelas páginas de periódicos que circularam em séculos anteriores, em especial os XIX e XX, vêm sendo resgatadas com mais eficiência do que seria antes possível. E o instrumento quiçá tenha ganhado específica importância nos anos de 2020 e 2021, por conta das condições de confinamento a que nos obrigamos – por razão que é escusado reforçar, porque, ao contrário dos fatos pretéritos de que aqui trataremos, esta talvez não desapareça da memória coletiva das próximas gerações, cuja consequência é justamente a necessidade sanitária de priorizar pesquisas remotas.

Eis que uma investigação sobre Machado de Assis encontra episódios que não consideramos descobertas (afinal foram registrados nessas linhas há muito impressas), mas antes resgates acerca de sua trajetória artística, civil e pessoal. É o caso de textos críticos e literários que não constavam de sua obra completa e foram recentemente trazidos de volta à luz por pesquisadores como Alex Sander Luiz Campos e José Américo de Miranda (2016)<sup>1</sup>, Cristiane Garcia Teixeira (2020)<sup>2</sup>, Felipe Pereira Rissato (2016)<sup>3</sup> e Wilton José Marques (2015)<sup>4</sup>, além de fotografias ou resenhas à sua produção feitas à época por outros autores e leitores especializados – como os conselhos que lhe dirige Joaquim Manuel de Macedo para que se dedique aos estudos a fim de se tornar o grande escritor que os primeiros trabalhos prometiam [Anexo I].

<sup>1</sup> Os investigadores trouxeram a conhecimento uma perda crítica do autor sobre *Procelárias*, de Magalhães de Azeredo, publicada no *Jornal do Commercio* em 1898.

<sup>2</sup> A pesquisadora identificou biografia não assinada de d. Pedro II em revista *Espelho* de 1859, cuja autoria argumenta em favor de Machado em artigo bem intitulado “Machado biógrafo”.

<sup>3</sup> O investigador encontrou em *Revista Luso-Brasileira* de 1860 crônica apócrifa sobre morte de mãe na infância; cotejando com textos do escritor e sua biografia, demonstra a autoria machadiana.

<sup>4</sup> O pesquisador levantou referências entre 1858 e 1860, no *Correio Mercantil*, a livro de poemas de Machado que estaria por ser publicado ou teria sido impresso pela tipografia Francisco de Paula Brito, mas cuja existência se desconhece; no mesmo jornal, também identificou um poema de 1856 que não consta das coletâneas do autor.

Seria esse também o caso de passagens da vida do escritor, como ocasiões em que foi convocado a compor júri pela Justiça carioca; os proclamas de seu matrimônio com Carolina Augusta Xavier de Novaes, um mês antes da cerimônia [Anexo II]; ou ainda, uma mais específica ocorrência, de 1893, em que prestou queixa contra furto à sua residência cometido por um criado que surrupiara, entre outros bens, um relógio de ouro com as iniciais do casal [Anexo III] – eventos algo prosaicos que citamos como amostra do que é potencialmente descortinável acerca de sua biografia.

### Endereços machadianos

Aliás, a morada em que foi vítima desse delito citado por último é a sua mais famosa: a casa hoje inexistente (e o edifício construído em seu lugar enverga o nome do romancista e mantém placa indicando que ele viveu ali), alugada na rua do Cosme Velho, mais precisamente o “chalé de nº 14,<sup>5</sup> pertencente por herança à viúva do conde de São Mamede, morto em 1872, e que se tornara esposa de [Miguel de] Novaes [irmão de d. Carolina, cunhado de Machado] em 1876” (ASSIS, 2009, p. 219), imóvel para onde o casal mudara em 1884 e viveria até que cada um falecesse (ela em 1904, ele em 1908). Em menção ao logradouro é que o escritor ganha a alcunha de Bruxo do Cosme Velho, não se pode (ao menos até agora) precisar quando, mas que, segundo ideia difundida, liga-se ao caldeirão que usava no quintal para queimar papéis.

Para além desse, com maior ou menor precisão, muitos endereços de Machado são conhecidos desde o nascimento em 1839, sem contar outros que se espera possam ainda ser descobertos. Como se sabe e corroboram biografias, viveu a primeira infância na Ladeira do Livramento, habitou depois o bairro de São Cristóvão (rua São Luiz Gonzaga, 48), dividiu no início da juventude moradia com o amigo Francisco Ramos Paz na rua de Matacavalos (em algum ponto entre Santa Teresa e o Estácio) e, após o casamento, passou pela rua dos Andradas (Lapa), é suposto que pela rua de D. Luísa (Glória)<sup>6</sup> e,

<sup>5</sup> A notícia do furto informa o número 18 para a casa do Cosme Velho; registros diversos, porém, como o do *Almanak Administrativo, Mercantil, e Industrial do Rio de Janeiro* – o conhecido *Almanaque Laemmert* (publicação anual que trazia endereços comerciais e residenciais dos habitantes do Rio de Janeiro entre 1844 e 1889) – e a própria identificação do escritor em correspondências, confirmam o 14; é que a numeração mudou para 18 pouco depois de 1890.

<sup>6</sup> Segundo Sérgio Paulo Rouanet, em apresentação à exaustiva pesquisa acerca da correspondência machadiana organizada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério e coordenada por ele, “na carta de Gonçalves Crespo, de 6 de junho de 1871, há duas anotações de endereços no envelope: o endereço sobrescrito por Crespo – rua de D. Luísa; e uma anotação justaposta ao sobrescrito, de mão desconhecida, em lápis de cor azul e letras graúdas, indicando – Santa Luzia, 54. Tradicionalmente entre os biógrafos de Machado, não há registro de que tenha morado na rua de D. Luísa (atual Cândido Mendes). Segundo o consenso, no ano de 1871, ele morava na rua dos Andradas, 119. Desse ponto de vista, um possível equívoco que resultasse na troca de Santa Luzia por D. Luísa estaria descartado, porque

na sequência, a Santa Luzia (Centro)<sup>7</sup>, a das Laranjeiras (bairro homônimo), a do Catete (idem), talvez a Marquês de Abrantes (Flamengo)<sup>8</sup>, até, depois de algum planejamento – e, conta-se, benevolência da amiga proprietária no aluguel cobrado – alcançar o almejado Cosme Velho.

Dos períodos de sua vida, interessam-nos os anos 1860. Sobre a década, em biografia de 1936, um dos pioneiros trabalhos dessa natureza e que goza da suposta vantagem<sup>9</sup> de consultar testemunhas oculares de fatos, especula a ensaísta Lúcia Miguel-Pereira:

Mais ou menos ao tempo da sua entrada para o *Diário* [do Rio de Janeiro, periódico em que trabalhou de março de 1860 a abril de 1867] deve Machado, melhorados os seus recursos financeiros, se ter mudado de S. Cristóvão para o centro da cidade, indo provavelmente morar com Ramos Paz.

Com efeito, o bibliófilo português contava ter morado muitos anos com Machado de Assis; ora, tendo este se casado em 1869, e havendo aquele residido em Petrópolis até 1860, só entre 1860 e 1869 podem eles ter habitado a mesma casa. (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 95)

A informação, contudo, seria imprecisa nessa hipótese mais larga, que aposta em janela temporal maior a reduzir a um só o local onde vive o escritor nos anos 1860. Certo é que não habitou Machado na companhia de Ramos Paz até o dia do casamento e assim ao menos uma residência intermediária entre Matacavalos e Andradas há de ter havido.

---

Machado e Carolina só teriam se mudado para a rua de Santa Luzia, 54 em 1873. Surgem então algumas hipóteses. A primeira é que, apesar dos biógrafos, o casal morou na rua de D. Luísa neste período. A segunda é que Machado e Carolina moravam na rua de Santa Luzia antes de 1873, e a anotação justaposta seria apenas uma retificação do endereço. A terceira é que a carta, embora de 1871, só tenha chegado a seu destinatário muito depois, quando este já morava em Santa Luzia, 54.” (ROUANET, 2009, p. 14).

<sup>7</sup> No local, foi erigido prédio em que funciona o Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro, motivo pelo qual, em 2008, foi também descerrada ali placa indicativa de que Machado de Assis e Carolina (imperdoavelmente registrada sem sobrenome) moraram ali.

<sup>8</sup> Ainda segundo Rouanet, “em carta de 27 de maio de 1883, Miguel de Novaes afirma: ‘Diz-me a Carolina em uma carta que me escreveu ultimamente que já tem casa na rua do Marquês de Abrantes.’ Neste caso, a expressão *ter casa* deve ser interpretada no sentido de ‘conseguir uma casa’. A dúvida de Miguel não é se Carolina e Machado mudariam, mas se já teriam efetuado a mudança. A ida para a rua Marquês de Abrantes estava definida, mesmo que não houvesse materialmente ocorrido, tanto que conclui a respeito dos mosquitos que atormentavam as redondezas da nova casa: ‘Oxalá que a casa que vai ocupar ou que já deve estar ocupando esteja isenta dessa praga.’ Como um acordo de aluguel nesse tempo não se revestia de grandes formalidades legais, pois muitas vezes bastava que locador e locatário ajustassem as condições e estava feito o negócio, é possível que o casal tenha residido ali nesse ano de 1883 até a transferência para o Cosme Velho no início de 1884.” (ROUANET, 2009, p. 15).

<sup>9</sup> Jean-Michel Massa contesta que esse seja um fator necessariamente vantajoso: “Estes biógrafos se apoiavam, com frequência, no testemunho de pessoas que haviam, ainda muito jovens, conhecido o escritor no final de sua vida; estariam habilitados a falar de sua infância, passados cinquenta ou sessenta anos?” (MASSA, 1971, p. 4).

Tomemos por base a valiosa organização da sua correspondência completa, editada a partir de 2008 por Moutinho e Eleutério, já por nós referenciada. A pesquisa traz em seu tomo I exatamente o volume referente a essa década e indica que Machado residira com Ramos Paz “[n]o início dos anos 60, [quando] ambos moraram num sobrado da rua Matacavalos” (ASSIS, 2008, p. 305-306) – via batizada em 1865 como Riachuelo, conforme até hoje, em homenagem a vitória brasileira em batalha naval na Guerra do Paraguai; mesma área da cidade, nobre à época, em que o autor alocaria personagens de *Dom Casmurro*, escrito quase quarenta anos mais tarde. Pois eis que se identifica aí missiva do escritor ao amigo, de 1º de maio de 1869 (data concluída por Moutinho e Eleutério), cerca de seis meses antes do matrimônio portanto, na qual, a evidenciar que não divide morada com o remetente, escreve:

Paz.

Procurei-te ontem e anteontem em casa, e não te achei. Hoje, se te não encontrar, deixarei esta carta, pedindo-te que me esperes amanhã de manhã para conversarmos sobre aquilo.

[...]

Espera-me amanhã, domingo; irei às dez horas e meia para dar-te tempo de concluir o sono que, por ser domingo, creio que irá até mais tarde.

Teu

Machado de Assis (ASSIS, 2008, p. 264)

Ora, a mensagem traz indício de outros endereços intermediários do escritor nesses anos (minimamente um) que não sejam os dois já aludidos, exceto pelo caso improvável de que já tivesse o escritor ido viver na rua dos Andradas antes da união com Carolina. Outra carta de Machado a Paz, sem data, uma vez sobreposta à anterior (dada a promessa de retorno num domingo naquela e, nesta, a efetiva visita nesse mesmo dia da semana), até poderia referendar a antecipada ocupação pré-nupcial do imóvel da Lapa, embora nada desabone que a mensagem adviesse de um contexto mais tardio:

[Rio de Janeiro, sem data.]

Paz:

No domingo bati e rebati à tua porta. Nem viva alma. Queria dizer-te o que houve a respeito de bilhetes, e ao mesmo tempo falar-te de uma ideia soberba!!! Manda dizer onde me podes falar; caso recebas esta carta depois de vir o portador dela, escreve, para minha casa (Andradas 119) e marcando hora e lugar hoje.

A coisa urge.

Teu

Machado de Assis. (ASSIS, 2008, p. 286)

O fato é que não se sabe onde viveu o escritor após Matacavalos e antes das Andradas. Francisco de Assis Barbosa, biógrafo não somente de Machado, mas de Lima Barreto e Juscelino Kubitschek, em 1957, afirma, sem citar fonte, que o romancista, “deixando de viver em companhia da madrasta [em São Cristóvão], vinha morando em quartos de pensão, sem conforto e às vezes sem companhia” (BARBOSA, 2008, p. 47), até afinal casar com Carolina, que lhe devolve a experiência de ter um lar. Também logo à frente Gondin da Fonseca sugere uma multiplicação de endereços, ao descrever, ainda sem fonte aparente, o afastamento gradativo do jovem da casa da madrasta Maria Inês já desde o fim dos anos 1850: “Melhor a vida independente, num quarto alugado, – ele e alguns companheiros, – e visitas dominicais a São Cristóvão. Apenas visitas dominicais. Depois mensais. Depois...” (FONSECA, 1960, p. 83). Pois se mantém a incógnita, das muitas que talvez nos sejam impostas pela índole reservada do homem e, para citar ainda sua correspondência, pensemos em como é sugestiva a carta de 30 de maio de 1862 que lhe envia Luís Guimarães Júnior, alegando tê-lo procurado em vários lugares antes de partir para São Paulo, exceto no mais lógico, seu endereço, do que se pode supor então que ou seria ignorado ou distante em demasia da cidade: “Esta cartinha há de servir de despedidas e desculpas. Procurei-o no *Diário* há dias e não me foi possível encontrá-lo aí, nem na tipografia do Paula Brito onde costuma estar às vezes.” (ASSIS, 2008, p. 15).

É, pois, com certa indelicadeza que, invadindo essa intimidade, discutiremos a seguir, a partir de nova evidência, uma hipótese de logradouro do escritor na década de 1860 até então, cremos, não referenciado por seus biógrafos.

### Um suposto endereço esquecido

O período que se estende desde o momento impreciso em que dividira residência com Ramos Paz até o matrimônio em outubro de 1869 mantém em aberto as possibilidades, revogando a ilação de que Machado conservara-se na rua de *Matacavallos* (como se grafava à época) por todo esse tempo.

É então que documentos de novembro e dezembro de 1867 podem fornecer dado importante. Trata-se de atas de sessões do Conselho

Administrativo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (a SAIN, espécie de precursora da atual Confederação Nacional da Indústria – CNI), de que o escritor fez parte e onde exerceu mais tarde cargo de direção: na primeira, de 15 de novembro, entre outros nomes, há o seu, indicado a sócio efetivo por Luiz Mendes Ribeiro Júnior, quiçá em razão do entusiasmado apoio que, como jornalista do *Diário do Rio de Janeiro*, Machado sempre dera às participações da SAIN nas Exposições Universais; na segunda, de 3 de dezembro, a proposta de afiliação é votada e aceita. Em ambas, consta a informação de que seria “Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, morador à rua da Alfândega n. 123”. Os documentos são publicizados mais tarde, não apenas em informativo próprio da associação, como, minimamente no caso da primeira reunião, no *Jornal do Commercio* (Anexo IV).

Mas ser publicada ao menos três vezes não guarda força comprovativa: a informação surge de fonte inicial e se repete, não há dificuldade de deduzir – da ata primeira à segunda e do informativo da associação para reprodução em jornal de maior circulação: houvesse gralha e ela decerto se espelharia. Pela escassez de dados que o referendem, trataremos o endereço, já que indicado a rigor por um único documento, como hipótese.

Investigações paralelas, contudo, ainda que não confirmem a conjectura, poderiam aumentar a perspectiva de sua veracidade, através de uma técnica que, se assim nos for permitido, chamaríamos de estratégia “das negativas”, definição espirituosa em lembrança do capítulo final de *Memórias póstumas de Brás Cubas* – porque com efeito, a seguir, *esta seção é toda de negativas*.

### Das negativas

A primeira negativa responde à suposição, muito improvável (mas investiguemos humanas hipóteses), de que o membro associado que o indicara à SAIN, desconhecendo o endereço do poeta, tivesse preenchido exigências burocráticas com sua própria morada ou imóvel de sua posse. Repare-se que estamos a falar, no caso da presumível ocupação por Machado de residência na Alfândega, dos meses finais de 1867, dados pois que se apresentariam no *Almanak Laemmert* no início do ano seguinte. Ora, na edição de 1868 do catálogo, Luiz Mendes Ribeiro Júnior, cuja família era proprietária (ou fazia uso) de alguns imóveis na cidade, registrava-se à rua São Pedro, 82 e à do Cosme Velho, 46, endereços que se repetem em outros anos na mesma publicação [Anexo V]. E, como veremos, tudo indica que o sobrado da Alfândega, 123 pertencesse em 1867 a Manoel Francisco dos Santos Deveza.

Portanto, o endereço divulgado na reunião da SAIN não teria relação com Ribeiro Júnior.

Uma negativa segunda, aliás, consiste em não haver menção ao endereço no *Almanak* em 1867 e 1868, exceto pelo ponto comercial do imóvel (principal objeto do catálogo), no térreo, na época a abrigar armazém administrado pela sociedade entre os negociantes Bruno Telles de Menezes Vasconcellos e Francisco Severiano Amado Júnior [Anexo VI]. É verdade que a parte que serve à moradia, em andar superior, é referida com clareza apenas em 1857, quando se indica a residência de Bellini (parece factível tratar-se do médico Thomaz Victor Bellin, apesar da grafia distinta) na “Alfândega, 123, 2º and.”, e talvez tão só porque o profissional a usasse também como consultório, segundo anúncio de seus serviços a indicar horário fixo para consultas, mas ainda disponibilidade integral a emergências [Anexo VII]. Nos anos fulcrais à nossa investigação, porém, nem o 1º, nem o 2º andar do 123 são identificados.

A terceira negativa é a ausência de endereços do poeta das *Crisálidas* no citado catálogo durante esses anos. Em 1862, é listado pela primeira vez, em razão da posição como bibliotecário na Sociedade Arcádia Brasileira – sem que, porém, surgisse no “Indicador Alfabético”, seção efetiva de logradouros. O posto profissional é repetido no ano seguinte e seu nome desta feita figura no índice geral, mas sem preenchimento algum de endereço. Quando afinal é vinculado a moradia, em 1870, já está casado e residindo na rua dos Andradas, 119, em sobrado que – como poucos dos imóveis que habitou – existe até hoje [Anexo VIII].<sup>10</sup> Entre 1864 e 1869, todavia, o escritor não é registrado. Aliás, já o dissemos, há falta absoluta de informação precisa de seus endereços nesse tempo. Consultando novamente sua correspondência, vê-se que Luís Guimarães Júnior endereça-lhe cartas à rua do Rosário, 86, entre 1863 e 1865, e Ferreira de Meneses escreve ao mesmo logradouro em 1866, mas essa é a localização da redação do *Diário do Rio de Janeiro*, endereço profissional portanto. Outras cartas resgatadas, muitas delas missivas públicas em jornais, não trazem pista sobre locais em que o escritor teria residido antes de 1869.

Por fim, a *derradeira negativa desta seção de negativas* passa pela investigação das ocupações outras do endereço. O sobrado foi usado muitas

---

<sup>10</sup> Além das ruas dos Andradas, 119 (atual 147) e da Lapa, 96 (atual 242), tombadas em 2008 pela Prefeitura no centenário do falecimento de Machado de Assis, deu-se processo semelhante em 2013 com imóvel no qual o escritor teria nascido, na hoje Ladeira do Livramento, 77 – informação que gera controvérsia entre historiadores consultados pela Academia Brasileira de Letras, que não reconhece o achado. A reticência seria pertinente, se crermos nas palavras do biografista Luiz Viana Filho, em trabalho de 1974: “[...] ao saber que se demolia a casa onde nascera, Machado, arrastado pelo passado, foi ao local recolher uma pedra, recordação do berço humilde” (VIANA FILHO, 1974, p. 145).

vezes por profissionais liberais que anunciavam serviços nas folhas, como identificamos em momentos anteriores e posteriores à data de interesse, tais quais o citado médico T. V. Bellin e um guarda-livros nos anos 1850. Nas décadas de 1860 e 1870, abrigou serviços imobiliários, venda de maquinários usados e comércio de escravizados [Anexo IX]. Especificamente de 1867 a 1869, porém, não verificamos registro algum referente ao sobrado da Alfândega 123.

## O imóvel

Encontram-se nos jornais chamadas para aluguel do espaço e, em 1867, o último que verificamos data de 30 de agosto, enquanto nova disponibilidade só nos foi possível constatar em 10 de janeiro de 1872, a sugerir que não esteve vago nesse tempo ou foi alugado sem carecer de propaganda. Através deles, podemos reconstruir a estrutura do imóvel. Eis uma compilação de descrições: “uma sala mobiliada, com alcova e tres janellas de sacada, com cortinas americanas, uma linda sala e quarto (uma sala e alcova), com bonito terraço na frente, com entrada independente, a casa é muito airosa e o lugar é excellent para qualquer escriptorio, no centro do commercio, rua da Alfândega, n. 123, abaixo da da Valla – tudo isso a ser alugado a pessoa muito capaz empregada no commercio” [Anexo X].

Deparamo-nos, igual a outras vezes, com o espaço ora referido como segundo andar, ora primeiro. Em um tempo de dez anos (os recortes são de 1857 a 1867 – e os de agosto desse último poderiam ser os que encaminharam Machado ao aluguel do imóvel), seria natural que a terminologia oscilasse. Ocorre, porém, que haveria aqui fato novo: as descrições entram em conflito ao opor esta *sala e quarto* ou *sala com alcova* à descrição de *uma sala com dous quartos* (e não um), a provocar a desconfiança de que realmente pudesse se tratar de uma construção com loja térrea e dois sobrados, isto é, dois andares superiores, um deles com um quarto e o outro com dois.

O térreo, denominado “armarinho”, “loja” ou “venda”, era ocupado por comércios diversos, conforme já apontamos, tais quais o de joias, brinquedos, colchões, artigos femininos, fazendas – aliás, um sótão, outra possível estrutura do imóvel a se acrescentar à planta que presumimos, abrigaria oficina de alfaiataria em 1873 – ou, uma vez mais, em triste lembrança de nossa sociedade, escravizados: foi assim, por exemplo, a ourivesaria dos Irmãos Norat na década de 1850, o armarinho Bastos e Vasconcelos na de 1860 e a Casa da Minerva na de 1870 [Anexo XI].

Na reorganização efetuada entre 1873 e 1876 pelo escriturário João Cruvello Cavalcanti a serviço da Câmara Municipal da Corte, torna-se 117 o número 123 da Alfândega. O registro traz informações importantes, como a posse do imóvel à época por Manoel Francisco dos Santos Deveza (talvez o mesmo entalhador português responsável pelos altares laterais da Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Boa Morte), que ainda era proprietário dos números contíguos 125 e 121 (morava nesse último endereço nos anos 1850, mas no fim dos 1860 estava em Portugal). O trecho da rua é pertinente, pela proximidade ao imóvel que ficaria na esquina da rua *Uruguayana* (e cuja numeração passa a fazer parte dessa outra via); ora, essa é a antiga rua da Vala, a mesma que um dos anúncios de aluguel indica como ponto de referência. A única questão que entra em conflito com conclusões que antes levantamos concentra-se na descrição da casa com apenas um sobrado, isto é, um andar acima do térreo [Anexo XII].

Com tais dados, buscamos o histórico dos imóveis de aparência antiga que ainda estão de pé no lado ímpar da rua da Alfândega e *abaixo da da Valla/Uruguaiana*. Levantamos no 2º Cartório de Registro Geral de Imóveis certidão de inteiro teor das matrículas dos atuais números 119, 121, 123 e 125 da Alfândega, mas estão disponíveis apenas dados do último meio século. Ademais, prédios anteriores a 1938 tem esse ano como a data de construção, porque somente então o registro passou a ser feito. Dos citados, o 119 é o que, externamente, mais se aproxima de descrições dos antigos anúncios de aluguel, com três janelas de sacada, varanda na frente e entrada independente à loja térrea – e dois sobrados, apesar do registro contrário de Cavalcanti [Anexo XIII]. Mas não foi possível a certeza de que a construção datasse do século XIX.

O Arquivo Nacional guarda sob o código 4MMAPI18 levantamento cartográfico da cidade (organizado em 1870 pelo Setor de Obras Públicas do Ministério da Agricultura) com desenho dos terrenos dos imóveis municipais nesse tempo. Tais mapas poderiam conduzir a respostas, mas o registro, não disponibilizado de modo digital, é por enquanto inacessível à consulta em razão de o contexto pandêmico do país impedir atendimento presencial no órgão.

### Um pouco de literatura

Na obra de Machado de Assis, a rua da Alfândega não é das mais visitadas. Uma passagem nos chama a atenção, contudo: a do pungente conto “Pai contra mãe”, de 1906, criação que já discutimos ao ressaltar o simbolismo que os nomes das ruas trazem à narrativa (SOARES, 2020). Eis a passagem em que a Alfândega surge, quando o caçador de recompensas Cândido Neves leva Arminda, cativa que fugira, em direção à casa do senhor de escravos que a reclama:

Foi arrastando a escrava pela rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. (ASSIS, 1997, p. 13)

Não sabemos que lado da Alfândega, a partir da rua dos Ourives (atual Miguel Couto), Neves teria tomado, mas nos consintam especular: sendo “a casa próxima”, não a seguisse talvez por mais do que um quarteirão e, se pegasse a esquerda, na direção da Uruguaiana, estaria justamente no trecho da rua da Alfândega em que haveria (por hipótese, reiteramos) residido o autor por volta de 1867.

Pois essa é a época em que se passaria a narrativa:

Sobre a datação algo vaga que o narrador sugere para o narrado (*há meio século*), acreditamos poder ajustá-la com mais precisão à década de 1860, inferindo-a em razão justamente da menção à Roda dos Enjeitados [...]. Ora, essa estrutura da roda estaria em atividade, segundo o próprio conto, à rua dos Barbonos, exatamente a referência que nos permitirá localizar temporalmente a sua história. [...]

Publicado já no início do século XX (tempo da voz do narrador), o enredo de “Pai contra mãe” desenvolve-se, segundo suas palavras, reiteremos, há meio século, o que nos encaminharia aproximadamente aos meados dos anos de 1850. Mas, dado que a roda somente foi transferida para a rua dos Barbonos em 1860, podemos concluir que, por coerência, a narrativa desenvolve-se em algum momento desse ano em diante (mas, factualmente, apenas até 1870, quando a rua dos Barbonos ganha o nome de Evaristo da Veiga, alcunha que se mantém até hoje, em homenagem ao jornalista liberal que ali residira e falecera) [...]. (SOARES, 2020, p. 307-308)

Aqui, mais ou menos sobrepõe-se no espaço e no tempo o enredo da narrativa (escrita no século XX) e a suposta morada do escritor em tempos

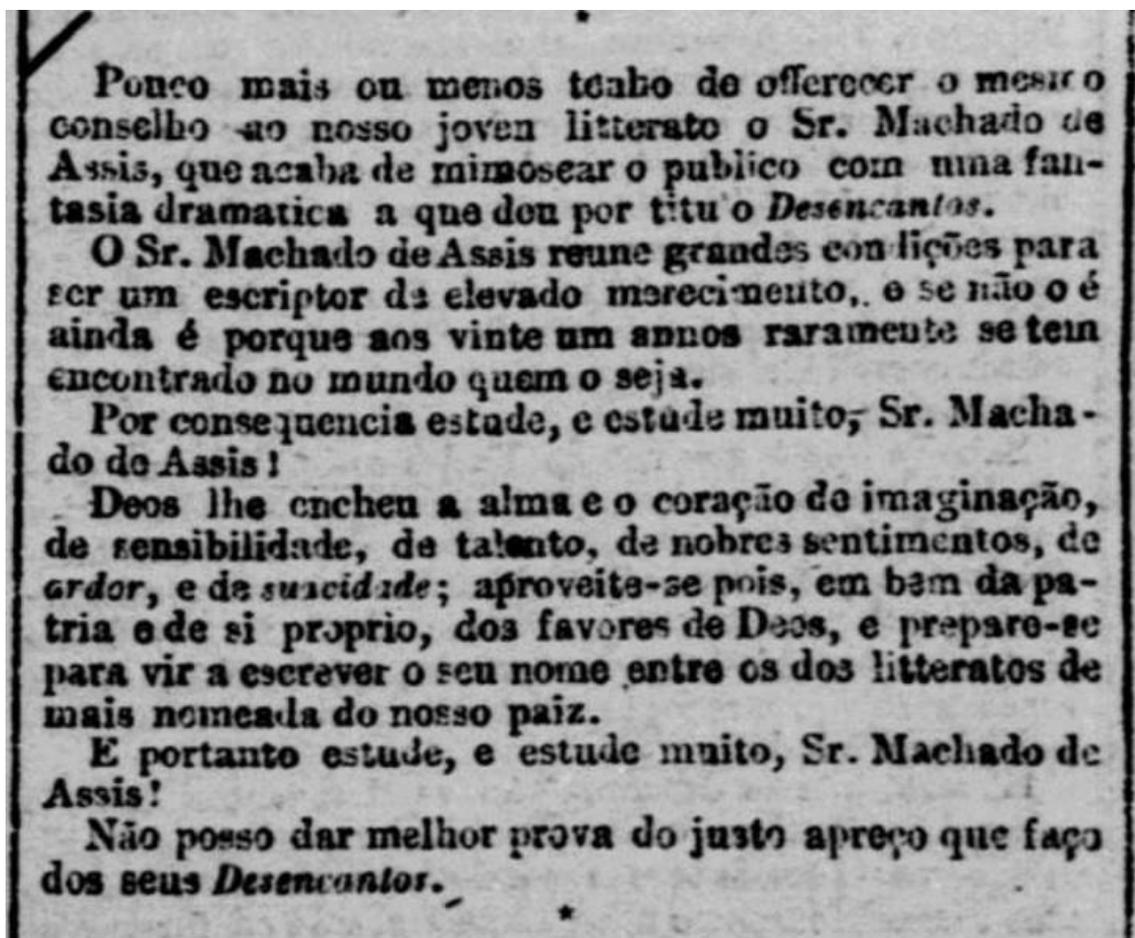
pretéritos, espécie de possível reflexão de sua experiência vivida na criação literária.

### Consideração final

O narrador machadiano confessaria diante da seção anterior que, “ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil”, como em *Memórias póstumas* (ASSIS, 1992, p. 158). A razão esclarece-se: o presente pesquisador, habituado a circular pela grande área de Linguística, Letras e Artes, mais precisamente no campo da Literatura, aventurou-se aqui em investigação antes histórica e geográfica do que literária, e a anterior seção anterior pode ser um derivativo que evite alguma crise de abstinência. E a ironia dessa última sentença, confissão inevitável, pretende que lhes sejam absolvidas as falhas técnicas: careça talvez a pesquisa de instrumentos mais precisos, não adquiridos em sua formação, para alcançar informações cruciais, como um conjunto completo das mudanças de numeração que a via sofreu desde 1860 até hoje.

Parece certo que valeria a pena o esforço de precisar o endereço, a fim de saber se continua a existir o imóvel, para que se somasse aos tombamentos já qualificados, se pertinente for, e, caso não mais haja o prédio, que se descerrasse, como em outros casos, placa indicando que o escritor ali viveu. Tudo isso, claro, na hipótese de se concluir que a informação trazida pela ata da sessão da SAIN é precisa sobre a residência de Machado de Assis, em 1867, na rua da Alfândega, 123.

## ANEXO I



*Jornal do Commercio*, 23 de setembro de 1861, coluna "Chronica da Semana", de J.M. de Macedo.

## ANEXO II

**Jury** — Hontem não houve numero para funcionar este tribunal, e sendo o 15º dia, ficou encerrada a 11ª sessão ordinaria.

Amanhã, sob a presidencia do Sr. conselheiro Bento Lisboa, devendo comparecer os seguintes Srs. jurados sorteados, que têm de servir na 12ª sessão ordinaria:

*Pela freguezia do Santissimo Sacramento.* — José Avelino Marçal Ferreira, Antonio José de Moraes Brito, Dr. Manoel Luiz Regadas, José Ponciano de Oliveira e Cludino Alves de Castilho.

*S. José* — Tenente Aristides Monteiro da Penha, Honorio José Fragoso, Arthur Carlos Watson e Ayres Martins Teixeira.

*Santa Rita* — Francisco José de Oliveira Brito.

*Sant'Anna* — Tenente José Maria Ferreira, João Henrique da Silveira, Dr. João Gonçalves Coelho, João Mancio da Silva Franco, Joaquim Caetano Teixeira e José Gonçalves da Silva.

*Engenho Velho* — Dr. Nicanor Gonçalves da Silva, Dr. José Fernandes Moreira e Dr. Luiz Francisco Monteiro de Barros.

*Gloria* — Jesuino Pereira da Silva, Joaquim Maria Machado de Assis, Dr. Possidonio de Carvalho Moreira, Dr. João Evangelista Sayão de Bulhões Carvalho, Dr. Sizenando Barreto Nabuco de Araujo, Miguel de Oliveira Salazar e Pedro Mendes de Souza.

*Jornal do Commercio*, 2 de dezembro de 1884.

**JURY**

Começam hoje os trabalhos da 3ª sessão ordinaria, sob a presidencia do Sr. Dr. Bandeira de Mello.

Os sorteados são os Srs.:

*Freguezia do Santissimo Sacramento.* — João Baptista Fortes, Dr. José Antonio Pereira da Silva, João José Cardoso, Domingos Antonio da Silva, Geraldino Rodrigues Alves, Leopoldo Fernandes de Oliveira Guimarães, Luiz Ferraz da Silva, Herculano Guedes de Carvalho, Manuel Alves Castilho, engenheiro José Ferreira Baptista, Balduino Sabino Borges, Antonio Pedro Vaz, Affonso Ribeiro Maglioli e Antonio Aurelio Alves da Silva.

*S. José.* — Joaquim Antonio da Lapa, Ernesto da Costa Ferreira, Francisco Antonio dos Santos, João Maria Valladares, João Ferreira Serpa Junior, Thomaz da Costa Passos Junior, Luiz José de Almeida e Francisco Maria Mafra.

*Candelaria.* — Antonio Augusto de Oliveira Braga.

*Santa Rita.* — João de Andrade Leite, Francisco Galdino da Graça e Antonio Joaquim Lopes.

*Sant'Anna.* — Francisco José Pereira de Castro, Hermenegildo João Barbosa, Timotheo Gomes Ribeiro, Joaquim Duarte do Nascimento e Joaquim Fernandes de Souza.

*Gloria.* — João Baptista Côrtes, Joaquim Manuel Machado de Assis e Jorge de Souza Conceição.

*Santo Antonio.* — Dr. Albino Moreira da

*Gazeta de Notícias*, 3 de março de 1887, com indubitável erro no nome do escritor, dadas as outras convocações.

**Nova convocação de Jurados** — Ante hontem, em uma das salas do paço municipal, achando-se presentes os Srs. Dr. Luiz de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, juiz de direito do 4º districto criminal, Joaquim José da Silva Pinto, presidente da Illma. camara municipal, e Julio Benedicto Ottoni, 1º promotor publico, o escrivão do 2º cartorio, Antonio Agostinho Barbosa Brandão, procedeu-se ao sorteio dos 48 cidadãos que têm de servir de jurados na 6ª sessão ordinaria convocada para o dia 1º do mez de Junho, designando a sorte os Srs.:

*Pela freguezia do Santissimo Sacramento* — Ricardo Rangel dos Santos, Francisco Teixeira da Rocha, Eleuterio Augusto do Nascimento e Domingos Martins de Oliveira Paranhos Junior.

*S. José* — Carlos Ledo de Araujo Neves e Arthur Pio Deschamps Montmorency.

*Candelaria* — Julio de Campos Mello, José Raphael de Azevedo Junior, Antonio Luiz dos Santos Lima e Luiz da Costa Chaves Faria.

*Santa Rita* — João Bernardo Lobato Pereira.

*Santo Antonio* — Capitão Firmino Pires Ferreira, Dr. Egidio Pinto da Silva Mello, Conrado Augusto Xavier da Rocha, Dr. Antonio Gomes Guerra de Aguiar, capitão Domingos Itacolomy Guanabara Ferreira e Dr. Sylvio Romero.

*Sant'Anna* — Esdras Quintino de Moura, Elias Wenceslão Cabral e Mello, Augusto Manoel Martins, Antonio José Marques Zamith Junior, Antonio Augusto Teixeira, Antonio Joaquim Lazaro Ferreira, José Joaquim Ribeiro Pimenta e tenente-coronel Carlos Corrêa da Silva Lage.

*Gloria* — Francisco Izidoro de Souto, João Nogueira Borges, José Manoel de Moraes Valle, Joaquim José Palhares Sobrinho e Joaquim Maria Machado de Assis.

*Jornal do Commercio*, 6 de maio de 1885.

PROCLAMAS LIDOS NA CAPELLA IMPERIAL NO DIA 10 DE OUTUBRO DE 1869.

to  
o-  
n-  
to  
o-  
r-  
le  
a-  
ia  
le  
t-  
a  
e  
e  
a  
o  
e  
2  
3  
1  
2  
3  
1

Geraldino José Coelho com Leopoldina Maria da Conceição.

Pedro de Mello Souza e Menezes com Carolina Carmelita da Silva Lopes.

Clorindo Olindeense Pessoa de Mello com Rita Carolina Nascentes Burnier.

Manoel Alves Branco com Theresa Carolina Maertens.

João Gonçalves de Marins com Marianna Candida Leal.

Affonso Pacheco da Cunha com Carlota Leopoldina da Silva.

Bernardino Gomes Chaló com Julia Maria Gonçalves.

Carlos Pinto de Almeida com Maria Eugenia de Sá Freire.

Manoel Pacheco Dutra com Senhorinha da Encarnação.

Mariano de Medeiros com Maria Paula.

Joaquim Teixeira de Souza com Antonia de Souza.

José Joaquim da Silveira com Francisca Emilia Cardoso.

Antonio da Silva Pinto com Marianna Carolina da Gloria.

Fernando Pinto de Almeida Junior com Ernestina Richard.

Bento Pereira com Philomena Luiza da Conceição

Francisco Gonçalves da Silva com Clementina Maria da Conceição.

José Ferreira Guimarães com Guilhermina Maria Rodrigues.

Eugene Angelo Charles Corquinet com Rita Candida.

Joaquim Maria Machado de Assis com Carolina Augusta Xavier de Novaes.

*O Apóstolo*, 17 de outubro de 1869.

### ANEXO III

Joaquim Machado de Assis, morador à rua do Cosme Velho n. 18, queixou-se ao delegado da 13ª circumscrição policial de que desaparecera de sua casa um criado de nome Augusto Pereira da Silva, que subtrahiu-lhe uma porção de joias com brilhantes.

*Gazeta de Notícias*, 10 de junho de 1893.

**FURTO**

Joaquim Machado de Assis, morador à rua do Cosme Velho n. 18, queixou-se ante-bontem ao delegado da 13ª circumscrição que, tendo admittido como seu empregado, um individuo de cor parda de nome Augusto Pereira da Silva, fora roubado por este, nas seguintes joias: uma chatelaine de ouro, um relógio de ouro, tendo na tampa a inicial C, com diamantes, uma chatelaine com um dado de ouro, um relógio de ouro com as iniciaes C. M., uma chatelaine do mesmo metal e com as mesmas iniciaes, um broche em forma de estrella com um brilhante, um grampo para chapéo, com brilhantes, um broche com turquezas, e um dito grande com dois coraes.

A auctoridade abriu inquerito e procede as necessarias diligencias sobre a captura do gatuno.

*Jornal do Brasil*, 10 de junho de 1893.

#### ANEXO IV

sta do Rio de Janeiro, proposto pelo Sr. Augusto Tereira Coimbra.

Forão lidas, e ficarão sobre a mesa, para serem submettidas á votação na proxima sessão as seguintes propostas; do Sr. Dr. Augusto Dias Carneiro, apresentando para socio correspondente ao Sr. João Otto Luiz Niemeyer, Director da colonia « D. Francisca » em Santa Catharina ; do Sr. Dr. José Augusto Nascentes Pinto, apresentando para socio correspondente ao Sr. Dr. Diniz Frederico Vilhena, Advogado em Angra dos Reis ; do Sr. Hermano Eugenio Tavares, apresentando para socio effectivo ao Sr. Antonio Francisco dos Santos Maráo, com officina de serralheiro á rua das Violas n. 129 ; do Sr. Leon Leiden, apresentando para socios effectivos aos Srs. Vincent Lagarde, negociante e fabricante de agoas gazosas, morador á rua d'Assembléa n. 79, e J. Lombaert, encadernador de S. S. M. M. I. I., morador á rua dos Ourives n. 17 ; do Sr. Luiz Mendes Ribeiro Junior, apresentando para socio effectivo ao Sr. Joaquim Maria Machado de Assis, Jornalista, morador na rua d'Alfandega n. 123 ; do Sr. Cincinnato Clemente Moniz Valdetaro, apresentando para socio effectivo ao Sr. José Manoel Garcia, natural do Maranhão, empregado publico, morador á rua do Sabão n. 310 ; do Sr. João José da Cruz Cotrim, apresentando para socio effectivo ao Sr. José Feliciano de Campos, brasileiro, artista, morador á rua d'Ajuda n. 106 ; e finalmente do Sr. Bacharel José Pereira Rego, apresentando para socio effectivo, remido, ao Sr. Miguel Teixeira de Carvalho, negociante, brasileiro, morador á rua Direita n. 72.

Foi mais apresentado, e ficou sobre a mesa, para ser opportunamente discutido o parecer da Seccão de Ma-

*O Auxiliador da Industria Nacional*, n.12, dezembro de 1867, trecho da ata da sessão do Conselho Administrativo da SAIN de 15 de novembro de 1867.

## GAZETILHA.

**SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL.** — *Sessão do conselho administrativo, em 15 de Novembro de 1867.* — Honrada com a augusta presença de S. M. o Imperador. — Presidencia do Exm. Sr. conselheiro de estado José Maria da Silva Paranhos. — Achando-se presentes os membros do conselho, Srs. conselheiros Paranhos e Antão, Drs. Nicoláo Moreira, Vilhena, Souza Rego, Pereira Portugal, Bomsucesso, Siqueira Filho, Lopo Cordeiro, Pereira Rego Junior e Nascentes Pinto, commendador Azevedo, José Botelho, Lidgerwood, e socios effectivos os Srs. Hermano Eugenio Tavares, Henrique Eduardo Nascentes Pinto, Augusto Teixeira Coimbra, Cincinato Clemente Moniz Valdetaro, Ruy Germack Possolo, Leon Leiden, Luiz Mendes Ribeiro Junior, João José da Cruz Cutrim, Mathias Antonio de Moraes Brito, Joaquim Insley Pacheco e Miguel Calmon de Menezes Macedo, annuncia-se a chegada de S. M. o Imperador, que é recebido com as formalidades do costume. E sendo obtida a imperial venia, o Sr. presidente abriu a sessão.

Foi lida e sem discussão approvada a acta da sessão anterior, que teve lugar em 4 do corrente.

*Expediente.* — O Sr. secretario geral participa que em 8 do corrente mez recebeu, e de prompto remetteu ao Sr. Dr. redactor do *Auxiliador* para fazer publicar na revista deste mez, sendo possível, o aviso n. 29, datado em 6 do presente mez, do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, acompanhando um exemplar de um prospecto do fabricante P. J. Martins, sobre o desascador das sementes de algodão e outros grãos, e recommendando que seja o mesmo prospecto publicado na gazeta mensal da sociedade, visto parecer vantajosa a introdução dessas machinas na lavoura do paiz, a qual com um tal auxilio poderá utilizar grandemente um producto na actualidade quasi sem valor e applicação.

Carta do Sr. J. B. Lombaerts, acompanhando o 1º volume, que offerece á sociedade, da obra *L'Exposition universel de 1867 illustrée*, de que o mesmo senhor é agente. — E' recebida a offerta com agrado e remettida á bibliotheca.

Carta do Sr. Dr. Domingos Jacy Monteiro, participando que por motivo de molestia, que ha muitos dias o retém em casa, deixa de comparecer á presente sessão, para dar qualquer explicação ou sustentar na discussão o parecer da secção de artes liberaes e mecanicas relativo ao privilegio pedido ao governo imperial para um novo processo de photographia. — Inteirada.

Requerimento do Sr. Henrique Bochet, acompanhado de amostras de papel, que diz fabricado de bagaço de canna de assucar, allegando que Julio Meyer não póde ter direito ao privilegio que requereu para fabrico identico, porque não é delle inventor. — A' secção de industria fabril para dar seu parecer, tomando em consideração as alegações.

Forão approvados socios : effectivos, os Srs. : conselheiro de estado José Thomaz Nabuco de Araujo, proposto pelo Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos ; José Luiz do Livramento, guarda-livros, morador na praça Onze de Junho n. 28, e Antonio João de Faria, negociante, morador na rua do Rosario n. 31, propostos pelo Sr. bacharel José Pereira Rego ; e correspondentes os Srs. : Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, fa-

zendeiro na provincia do Rio de Janeiro, residentes em sua fazenda Santa Francisca, em Quissamã, e coronel Isidoro Jansen Pereira, residente na provincia do Maranhão, por onde é deputado á assembléa geral legislativa, propostos pelo Sr. bacharel José Pereira Rego ; Dr. João José Carneiro da Silva, fazendeiro, residente em Quissamã, proposto pelo Sr. Dr. Joaquim José de Siqueira Filho, e capitão Simão Dias dos Reis, residente na Parahyba do Sul, provincia do Rio de Janeiro, proposto pelo Sr. Augusto Teixeira Coimbra.

Forão lidas e ficarão sobré a mesa para serem submettidas á votação na proxima sessão as seguintes propostas : do Sr. Dr. Augusto Dias Carneiro, apresentando para socio correspondente o Sr. João Otto Luiz Niemeyer, director da colonia D. Francisca, em Santa Catharina; do Sr. Dr. José Augusto Nascentes Pinto, apresentando para socio correspondente o Sr. Dr. Diniz Frederico de Vilhena, advogado em Angra dos Reis; do Sr. Hermano Eugenio Tavares, apresentando para socio effectivo o Sr. Antonio Francisco dos Santos Maráu, com officina de serralheiro á rua das Violas n. 129; do Sr. Léon Lelden, apresentando para socios effectivos os Srs. Vincent Lagarde, negociante e fabricante de aguas gazosas, morador á rua da Assembléa n. 79, e J. Lombaerts, encadernador de SS MM. II., morador á rua dos Ourives n. 17; do Sr. Luiz Mendes Ribeiro Junior, apresentando para socio effectivo o Sr. Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, morador á rua da Alfandega n. 123; do Sr. Cincinato Clemente Moniz Valdetaro, apresentando para socio effectivo o Sr. José Manoel Garcia, natural do Maranhão, empregado publico, morador á rua do Sabão n. 310; do Sr. João José da Cruz Cutrim, apresentando para socio effectivo o Sr. José Feliciano de Campos, Brasileiro, artista, morador á rua da Ajuda n. 106; e finalmente do Sr. bacharel José Pereira Rego, apresentando para socio effectivo o Sr. Miguel Teixeira de Carvalho, negociante, Brasileiro, morador á rua Direita n. 72.

Foi mais apresentado, e ficou sobré a mesa para ser opportunamente discutido, o parecer da secção de machinas e apparatus sobre a pretensão de Janot Jacques & Filhos a privilegio por 10 annos para fabricar e vender no Imperio uma machina de sevar mandioca.

*Jornal do Commercio*, 19 de dezembro de 1867.

**Annunciando-se nesta ocasião a chegada de S. M. o Imperador, é o mesmo Augusto Senhor recebido com as formalidades do costume, e depois de obtida a sua Imperial Venia, prosegue a sessão.**

**São aprovados socios effectivos os Srs. Miguel**

**Teixeira de Carvalho, brasileiro, negociante, morador á rua Direita n. 72, proposto pelo Sr. Bacharel José Pereira Rego; Antonio Francisco dos Santos Maráu, com officina de Serralheiro á rua das Violas n. 129, proposto pelo Sr. Hermano Eugenio Tavares; José Feliciano de Campos, brasileiro, artista, morador á rua d'Ajuda n. 106, proposto pelo Sr. João José da Cruz Cotrim; Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, morador na rua d'Alfandega n. 123, proposto pelo Sr. Luiz Mendes Ribeiro Junior; José Manoel Garcia, brasileiro, empregado publico, morador á rua do Sabão n. 310, proposto pelo Sr. Cincinnato Clemente Moniz Valdetaro; Vincente Lagarde, negociante, e fabricante de agoas gazosas, morador á rua d'Assembléa n. 79, e J. Lombaerts, encadernador de SS. MM. II., morador á rua dos Ourives n. 17, proposto pelo Sr. Leon Leiden : e socios correspondentes os Srs. Drs. Diniz Frédéricico de Vilhena, Advogado em Angra dos Reis, proposto pelo Sr. Dr. José Augusto Nascentes Pinto; e João Otto Luiz Niemeyer, Director da Colonia D. Francisca em Santa Catharina, proposto pelo Sr. Dr. Augusto Dias Carneiro.**

*O Auxiliador da Industria Nacional*, n. 1, janeiro de 1868, trecho da ata da sessão do Conselho Administrativo da SAIN de 3 de dezembro de 1867.

## ANEXO V

— Mendes Ribeiro, Cosme-Velho 46.  
 — — Junior, Cosme-Velho 46.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1867.*

Luiz Mendes Ribeiro, 2 de P., r. de S. Pedro, 82, e r. do Cosme Velho, 46.  
 Luiz Mendes Ribeiro Junior, r. de S. Pedro, 82, e r. do Cosme Velho, 46.  
 \* Luiz Pires Farinha, 6, r. da Quitanda, 48.  
 \* Luiz Tavares Guerra, 2, 4, & C., r. Municipal, 4.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1868.*

## ANEXO VI

Vasconcellos & Amado Junior, Alfandega 123.  
 (560.)

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1867.*

Draga Junior & Paina, r. da Candelaria, 35. (Por atacado e tambem  
 Bruno Telles de Menezes Vasconcellos, r. da Alfandega, 123.  
 Cabral & Ferreira (sucessores de A. A. Andrade). r. Direita. 48. (1

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1868.*

— Severiano Amado J<sup>or</sup>, Alfandega 123.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1868.*

## ANEXO VII

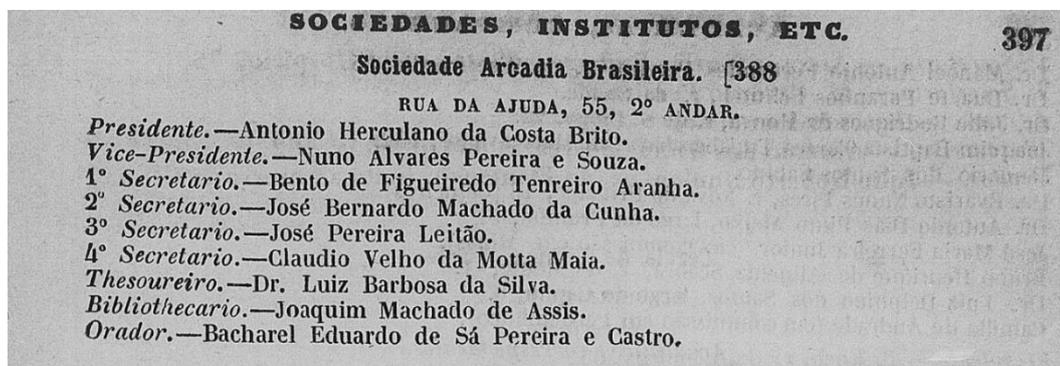
**Bellini (M. C. N.), Alfandega 123, 2º and.**

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1857, com provável erro de grafia no nome do médico, além de confusão nas iniciais, dada a coincidência do endereço em datas convergentes; para além: menção a um segundo andar, não ficando claro se indica que a casa teria dois andares superiores ou se houve troca de nomenclatura usual que marcaria o sobrado como primeiro andar, em oposição ao térreo.*

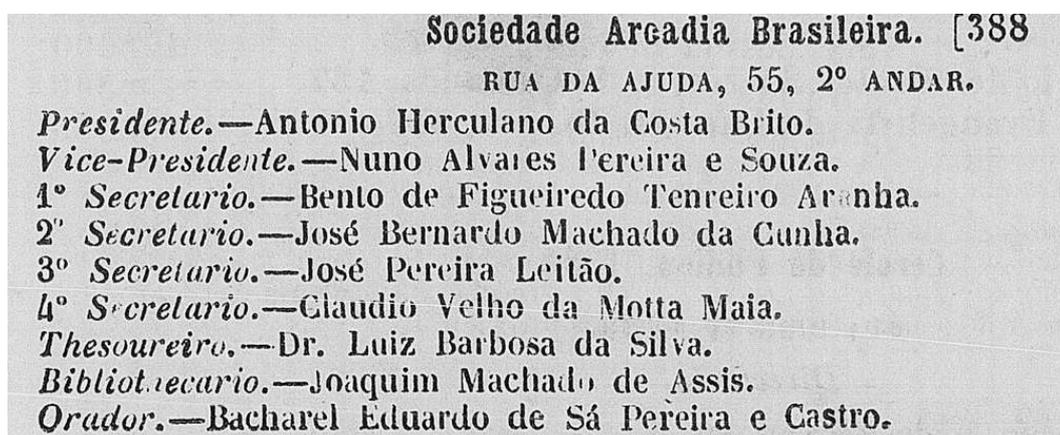
<p>do ainda mais se pois recomvel a todas as le suas familias medicos, appli- le mais de mil e com o retrato</p>	<p><b>A BAGUET,</b> afinador e concertador de pianos, 61 RUA DOS OURIVES 61.</p> <p><b>NOVO CONSULTORIO</b> <b>123 RUA DA ALFANDEGA 123</b> Mr. T. V. Bellin, doutor em medicina pelas faculdades de Paris e de Lisbon, por onde exerceu sua arte tres annos seguidos, ex-medico em chefe do hospital de Varzy (França): das epidemias e da beneficencia, 5º districto de Paris, póde ser procurado para consultas todos os dias das 7 ás 9 horas da manhã, e do meio-dia ás 2 da tarde, e para chamados a qualquer outra hora do dia e da noite.</p> <p><b>Atenção.</b> A fama dos charutos fluminses, em porção e a varejo, é na rua do Sabão do Mangue n. 25;</p>	<p>rões p a qual dirigid de su da Pri 150. Con meio</p> <p>José Anast ticipião aos se dário a sua rua da Alfand sobrado, onde ca com que se Os mesmos chas por preç</p> <p><b>MEL</b> Compra-se</p>
<p><b>HY.</b> <b>francez Pedro andant.</b> hãose sob a guarda baixo nomeados: e r titulo se conside-s, podem dirigir-se s, na villa de Itanão onerar o espo-postas em leilão na rente, os animacs, lle pertencentes. ar logar a qualquer tarlo reservado o ouro, entre estas em como as divi-</p>		

*Correio Mercantil, 15 de agosto de 1856.*

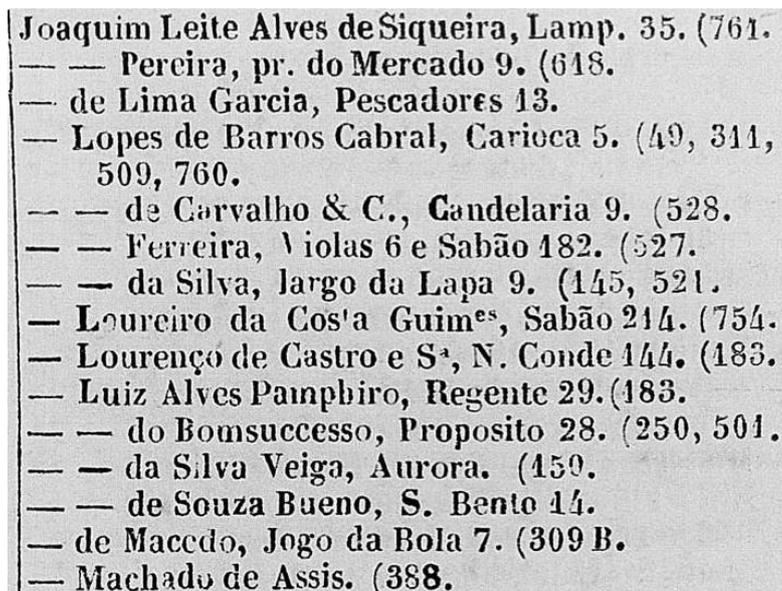
## ANEXO VIII



*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1862.*



*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1863.*



*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1863.*

na r. de Gonçalves Dias, 60.  
*Diário Oficial do Imperio do Brazil*. Publica-se todos os dias. Director da publicação, Luiz Honorio Vieira Souto, r. do Lavradio, 96; Ajudante do Director, Joaquim Maria Machado de Assis, r. dos Andradas, 119; Administrador, João Paulo Ferreira Dias, na Typ. Nacional. Assigna-se a 3\$ por trimestre, na typographia nacional, r. da Guarda-Velha, e nas thesourarias de fazenda.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1870.*

DIARIO OFFICIAL.

**Redactor** — Luiz Honorio Vieira Souto, r. da Lapa, 79.  
**Administrador**. — João Paulo Ferreira Dias, 3, 6, no estabelecimento.  
**Ajudante do director**. — Joaquim Maria Machado de Assis, r. de S<sup>a</sup> Luzia, 54.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1872.*

DIARIO OFFICIAL.

**Redactor**. — Luiz Honorio Vieira Souto, r. da Lapa, 79.  
**Administrador**. — João Paulo Ferreira Dias, 3, 6, no estabelecimento.  
**Ajudante do director**. — Joaquim Maria Machado de Assis, r. da Lapa, 90, 2º andar.  
**Escripturario**. — Benjamim Ferreira Dias, mora no estabelecimento.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1875.*

DIARIO OFFICIAL.

**Director**. — Luiz Honorio Vieira Souto, r. da Lapa, 79.  
**Administrador**. — João Paulo Ferreira Dias, 3, 6, no estabelecimento.  
**Ajudante do director**. — Joaquim Maria Machado de Assis, r. das Laranjeiras, 4.  
**Escripturario**. — Benjamim Ferreira Dias, mora no estabelecimento.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1876.*

**Director.**

Vago.

**Chefes de Secção.**

José Pedro Xavier Pinheiro, Official da Real Ordem da Corôa de Italia, r. do Conde d'Eu, 59.  
 Jeronymo Herculano de Calazans Rodrigues, 6; Cavalleiro da Real Ordem da Corôa de Italia, r. do Marquez de Olinda, 16, Botafogo.  
 Joaquim Maria Machado de Assis, 6, r. do Cattete, 206.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1880.*

22]

DIRECTORIA DA AGRICULTURA.

**Director.**

José Julio de Albuquerque Barros, Cons. Dr., 6. (na Presidencia do Rio Grande do Sul), r. Paysandú, C 1.

**Chefes de Secção.**

Jeronymo Herculano de Calazans Rodrigues, 6; e Cavalleiro da Real Ordem da Corôa de Italia, r. do Conde de Bomfim, 124.

Joaquim Maria Machado de Assis, 6, r. do Cosme-Velho, 14.

Constancio da Franca Amaral, r. de S. Raphael, Andarahy Pequeno.

*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1884.*

## ANEXO IX

O conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Neronha, doutor em direito, e director da companhia internacional forense, mudou o seu escriptorio para a rua do Rosario n. 138.

---

**AO COMMERCIO.**

O guarda-livros E. Gomes encarrega-se de pôr em dia escriptura atrasadas, balanços, liquidações; estabelecer o systema de partidas dobradas, etc. Os Srs. negociantes que precisarem de seu prestimo dirijão-se á rua da Alfandega n. 123.

---

**Gabinete do Dr. Cassier**  
**FREDDERICK COMPAGNIE**  
 rua dos Ourives n. 20, todas as dias uteis: dá consultas e operações, do meio dia ás 2 horas.

---

**PARTIDAS DOBRADAS.**  
**RUA DA ALFANDEGA N. 123.**

O guarda-livros E. Gomes admite alguns discipulos; as pessoas que se queirão dedicar ficarão em 3 mezes habilitadas para tomar a seu cargo a escripturação de qualquer casa commercial de primeira ordem.

*Correio Mercantil*, 30 de outubro de 1856.

**V**ENDE-SE uma situação distante das barcas da Nitherohy uma legua, tendo as proporções seguintes: 800 braças de lado e 2,000 e tantas de fundo, vargens, e rio corrente, muito mato virgem e boa casa para morada, grande laranjal e muitas fructas, sendo o lugar saudavel, e tendo a casa mobilia e tudo que é preciso para uma familia; quem a pretender póde dirijir-se ao seu proprio dono na rua da Alfandega n. 123, sobrado.

*Jornal do Commercio*, 19 de abril de 1865.

**A**LUGA-SE uma preta; na rua da Alfandega n. 123, 2º andar.

*Jornal do Commercio*, 5 de novembro de 1873, em nova menção a um segundo andar que poderia sugerir dois níveis superiores.

**ESCRAVOS.**  
 Vendem-se e comprão-se escravos de qualquer idade e recebem-se a consignação adiantando-se qualquer quantia sobre os que forem consignados, garantindo-se bom tratamento e promptidão nas vendas; na rua da Alfandega n. 123, 1.º andar. (.

*Jornal do Commercio, 15 de agosto de 1862.*

**VENDE-SE** uma machina de costura, em segunda mão, está nova e dá-se em conta; na rua da Alfandega n. 123, sobrado.  
**VENDEM-SE** descansos para ferros de engommar' a 120 rs.; na rua da Alfandega n. 123, sobrado.

*Jornal do Commercio, 8 de novembro de 1864.*

**VENDEM-SE**, de particular, duas pretas Minas, boas peças, e dão bom jornal, não se vende para negocio; quem as pretender dirija-se á rua da Alfandega n. 123, sobrado, que lá se dirá quem as vende.

*Jornal do Commercio, 26 de janeiro de 1865.*

a rua do Rosari ou. 61. (.

para  
 zes  
 1310  
 lico  
 (.

**VENDE-SE** por 3:5005 uma boa situação distante do embarque de S. Domingos uma legua, tendo casa com mobilia e bastantes plantações, grande pomar de lócas fructas, matas, madeiras, rio corrente, alguma criação e tudo o mais pertencente á uma casa de familia; dá-se tudo por esta quantia por seu dono retirar-se para Europa; trata-se na rua da Alfandega n. 123, sobrado. (.

de l  
 85,  
 de l  
 quan

P  
 em

da-

A REVENIDA A A

*Correio Mercantil, 15 de maio de 1865.*

## ANEXO X

capaz e de pouca estatura; na rua nova do Conde n. 180.  
**A**LUGA-SE uma linda sala e quarto a pessoa muito capaz; na rua da Alfandega n. 123.  
**A**LUGA-SE uma preta ou preta lavar, cozi-

Niterói, 1  
santos, sorve  
**GOT**  
rua da da

*Correio Mercantil*, 1 de março de 1857.

**A**LUGA-SE uma sala e alcova com entrada independente, a pessoa empregada no commercio, na rua da Alfandega n. 123; trata-se na rua do Sabão n. 23.

*Jornal do Commercio*, 28 de maio de 1860.

**A**LUGA-SE o 1º andar da casa da rua da Alfandega n. 123; para tratar, na rua do Sabão n. 23.

*Jornal do Commercio*, 16 de maio de 1861.

**A**LUGA-SE uma sala com dois quartos, na rua da Alfandega n. 123; para tratar, na rua do Sabão n. 23.

*Jornal do Commercio*, 9 de agosto de 1861.

**A**LUGA-SE o segundo andar, com bonito terraço na frente, por 35\$, da rua da Alfandega n. 123, abaixo da da Valla.

*Jornal do Commercio*, 28 de outubro de 1865.

**A**LUGA-SE, no centro do commercio, uma sala mobiliada com alcova e tres janellas de sacada, com cortinas americanas, a casa é muito airbosa e o lugar excelente para qualquer escriptorio; na rua da Alfandega n. 123.

*Jornal do Commercio*, 27 de agosto de 1867.

**A**LUGA-SE uma sala mobiliada, com alcova e tres janellas de sacada; na rua da Alfandega n. 123.

*Jornal do Commercio*, 30 de agosto de 1867.

## ANEXO XI

**MUDEZAS.**

**123 Rua da Alfandega 123**

Rendas de crochê a 800 rs., 1\$, 1\$200, 1\$400, 1\$500, 1\$600, 1\$800, 2\$, 2\$500, 3\$, 3\$500 e 4\$; peça com dez varas, e em cartão inteiro com grande diferença; ditas valencianas a 500, 600, 800 e 1\$; peça com dez varas, e em cartão a 50 rs. a jarda; ditas imitando de linho a 600 rs. a jarda, em cartão e as peças a 700, 800, 1\$ e 1\$200; entremeses de crivo a 2\$ a peça; camisetas com mangas bordadas a 30\$ a dúzia; saias-balço em mousseline a 4\$ 4\$500 e 5\$; ócio para as mesmas a 3\$500, 3\$800 e 4\$ a peça com 45 varas; gravatas pretas de seda, a 8\$500 a dúzia; novellos do corão do linho para colchetes de senhora com 92 varas, a 2\$200; sabonetes de figura com moeda de ouro, a 3\$ a dúzia; ditas de coração com anjinho, a 4\$ a dúzia; ditas ditas com pombinhos, 3\$200 a dúzia; ditas fiavelado peixe, a 1\$400 a dúzia; ditas transparentes, a 4\$, 5\$ e 7\$ a dúzia; ditas de Windsor, a 1\$ e 1\$200 a libra, em pacotes de tres; ditas em barra, a 10\$ a dúzia; extrato de framipont, a 8\$ a dúzia; p. made renovator, a 6\$ a dúzia; dita pequena, a 2\$ a dúzia; botões brancos de jaspe, a 70 rs. a grossa; cordão para viola, a 160 rs. a dúzia; cordão especial a 250 o maço; dito legier a 200 rs. o maço; phosphores de cera de 250 a 2\$ a dúzia; lapis de pó a 1\$200, 2\$500, 2\$800 a grossa; botões de jaspe com oita de cores a 300 rs. a dúzia; galões brancos de algodão a 500, 700, 800 rs. a peça; botões brancos de algodão para enfite a 1\$ a grossa; agulhas portuguesas a 1\$, a milheiro; ditas em coixinha a 1\$200 o milheiro; fita pret. para debrom a 1\$ a peça; toucas de meir para criança; 700 rs. a dúzia; linha de carizel de 200 jardas a 10\$100 a grossa; abotoaduras para panho a 600 rs., 2\$, 3\$, 4\$ e 5\$ a dúzia; retiez preto, azul e de côra, a 12\$ a libra; pentes para trança, dúzia 3\$, ditas inferiores, a 1\$500 a dúzia; coll-tes á preguicosa, a 4\$ e 4\$500 a dúzia; água de colônia legitima das flores, a 6\$500 a dúzia; dita á imitação a 4\$ a dúzia; dita de diversas quantidades, a 2\$800, 5\$, 5\$500, 6\$800, 7\$500, 10\$ 18\$, 24\$ e 30\$ a dúzia; óleo de babosa, a 4\$ a dúzia; lanternas que chobão de 3\$500 a 14\$ a dúzia; sapatinhos bordados para lactizado, a 14\$ a dúzia; toucas enfeitadas, a 15\$ a dúzia; alifantes, a 2\$ e 2\$200 o maço; ditas ordinarios, a 1\$500 o maço; pentes para alisar, a 2\$100, 2\$500, 2\$800, 3\$ e 3\$200 a dúzia; travessas de gomes e astica, a 4\$ a dúzia; fitas de setim de n. 1 a 6 a 250, 350, 450, 600, 900 e 1\$200 a peça; dedizes finos a 1\$800 e 2\$300 a gr. x.; ditas de aço, a 3\$200 a grossa; lamparinas superiores, a 840 rs.; agulheiras de pau, a 1\$000 a grossa; canetas, a 1\$300 a grossa; crinas de lizas douradas e de pedras, a 1\$ cada uma; castiço de côa a 2\$800 a grossa e 500 rs. a peça; meias riscadas para criança a 1\$800, 2\$, 2\$200 e 2\$400 a dúzia; trança de ll. preta e de côra a 1\$200 a peça com 22 varas; grampus endoados a 600 rs. a libra linha de marcar encarnado, azul e de côra a 200 rs.; coixinha com 16 novellos; pulseiras de côra a 16\$, 18\$, 20\$ e 22\$ a dúzia; cartas finas a 2\$000 e 3\$200 a dúzia; cintos dourados com fivella a 18\$ a dúzia e 2\$ cada um; e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio, os quaes se vendem por atacado e a varejo, em grande differença em preços, de qualquer outra parte como á vista podemos certificar aos Srs. mercates e negociantes de fóra que nos honrarem com a sua comorrença, no armazem de

**BASTOSE VASCON ELLOS**

**123 RUA DA ALFANDEGA 123**

*Correio Mercantil, 24 de janeiro de 1862.*

**HOJE**

SABBADO 9 DO CORRENTE.

AS 10 1/2 HORAS DA MANHÃ

**123 RUA DA ALFANDEGA 123**  
(Colchoaria e armação)

**LEILÃO**

de uma casa de colchoaria bem sortida de colchões de diversas larguras, de painas, cabelo e palha, travesseiros idem, camas e marquezas para solteiros e casados, ditas de ferro, lavatorios, berços, cortinados e cupo-las, fronhas, cobertas, diversas fazendas, armação, etc.

*Diário de Rio de Janeiro, 9 de junho de*

Publico.

**OLHE PAPAI**

Eu preciso de um vestido de linho para sair, e estão annunciados a 12\$000 na casa da Minerva á rua da Alfandega n. 123. Eu vi o que a prima lá comprou e é muito rico, vale bem 25\$000, por isso o papai vá comprar hoje senão podem acabar-se, sim! não se esqueça papai, é na casa da Minerva.

*Gazeta de Notícias, 26 de julho de 1877.*

**P**RECISA-SE de um official ou de um aprendiz de alfaiate, com pratica de obra grande, para trabalhar de mez ; na rua da Alfandega n. 123, sotão.

*Jornal do Commercio, 7 de abril de 1873.*

**ANNUNCIOS.**  
**NORAT IRMÃOS**  
 mudarão-se da rua da Alfandega n. 123, para a do Cano n. 78.

*Jornal do Commercio, 16 de outubro de 1857.*

## ANEXO XII

126

Numeros		Proprietarios	Pagamentos	Observações
NOVO	VELHO			
99	105	Polucena Laura de Campos.....	T.	
101	107	Luiz Antonio da Silva Soares.....	T.	
103	109	Anna Laura de Araujo Cezar.....	T.	
105	111	Agostinho Maria Corrêa de Sá.....	2 S.	
107	113	Joao Vieira da Costa.....	T.	
109	115	Araujo & Coelho.....	S.	
111	117	Francisco José Ferreira.....	S.	
113	119	Maria Carolina da Rocha Vieira.....	S.	
115	121	Manoel Francisco dos Santos Deveza.....	S.	
117	123	Idem.....	S.	
119	125	Idem.....	S.	
—	127	João da Silva Lima.....	—	Desapparece por ser o n. 142 da rua da Uruguayana.
121	129	Antonio José Coelho da Rocha Sobrinho...	T.	Perderá os ns. 117 e 119 da rua da Uruguayana.
123	131	Thomaz Antonio de Araujo Lobo.....	S.	
125	133	José Baptista Lopes.....	S.	
127	135	Antonio Mendes de Oliveira Lobo e outros.	S.	
129	137	Marcolina F. de Figueiredo Neves.....	T.	

*Nova numeração dos prédios da cidade do Rio de Janeiro, em segunda e definitiva edição de 1878, acerca de trecho da rua da Alfândega.*

### ANEXO XIII

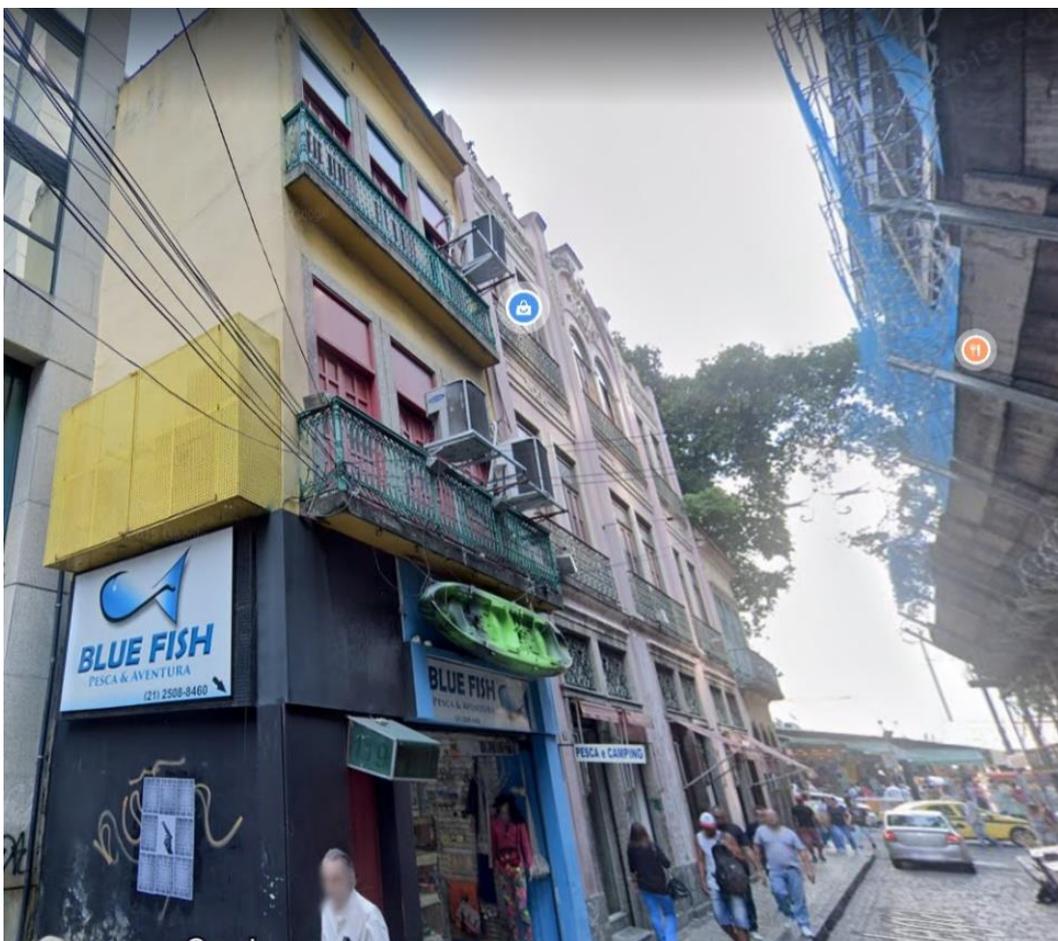


Imagem do aplicativo Google Maps, com o estado atual do trecho da rua da Alfândega referido neste estudo. Ao fundo, a rua Uruguaiana.

## Referências

- ASSIS, Machado de. “Pai contra mãe”. In: \_\_\_\_\_. *Relíquias da casa velha*. São Paulo: Globo, 1997. p. 1-14.
- \_\_\_\_\_. *Esau e Jacó – Memorial de Aires*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis: tomo I 1860-1869*. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Reunião, organização e comentários de Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL; Fundação Biblioteca Nacional, 2008. Coleção Afrânio Peixoto.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência de Machado de Assis: tomo II 1870-1889*. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Reunião, organização e comentários de Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL; Fundação Biblioteca Nacional, 2009. Coleção Afrânio Peixoto.
- \_\_\_\_\_. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1992.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *Machado de Assis em miniatura: um perfil biográfico*. Brasília: Batel, 2008.
- CAMPOS, Alex Sander Luiz; MIRANDA, José Américo de. Um texto crítico de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 9, n. 18, maio-ago. 2016, p. 146-157.
- FONSECA, Gondin da. *Machado de Assis e o hipopótamo - biografia e análise*. São Paulo: Fulgor, 1960.
- MARQUES, Wilton José. As primeiras incertezas, o profeta machadiano e o malogro do primeiro livro. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 9, n. 19, set.-dez. 2016, p. 11-33.
- \_\_\_\_\_. “O grito do Ipiranga” e a persistência do tópos histórico (um poema inédito de Machado de Assis). *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 14, n. 32, Janeiro-Abril 2021, p. 1-18.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- RISSATO, Felipe Pereira. Machado de Assis inédito, desconhecido, anônimo, surpreendente. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, s. VIII, n. 87, abr.-jun. 2016, p. 119-131.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Apresentação. In: ASSIS. *Correspondência de Machado de Assis: tomo II – 1870-1889*. Rio de Janeiro: ABL, 2009. p. 7-29.
- SOARES, Marcelo Pacheco. Estudo hodonímico do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. *Scripta Uniandrade*, Curitiba, v. 18, n. 1, jan.-abr. 2020, p. 299-317.

TEIXEIRA, Cristiane Garcia. Machado biógrafo: da investigação de uma revista a um texto inédito. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 22, n. 40, jan.-jun. 2020, p. 213-232.

VIANA FILHO, Luiz. *A vida de Machado de Assis*. São Paulo; Brasília: Martins; INL, 1974.

MARCELO PACHECO SOARES é professor do IFRJ, doutor e mestre em Literatura Portuguesa pela UFRJ, com pós-doutorado em Estudos Literários pela UFF.

 <https://orcid.org/0000-0003-0409-7789>. E-mail: <mailto:marcelo.soares@ifrj.edu.br>

Recebido: 27.03.2021

Aprovado: 23.04.2021